

PAIXÃO EM TRADUÇÃO: LOUISE LABÉ

FINCH, Annie. "Passion in Translation: Louise Labé". In: _____. *The Body of Poetry. Essays on Women, Form, and the Poetic Self*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2005, p.33-37.

Tradução: Vitor Alevato do Amaral¹

Apresentação

"Paixão em tradução: Louise Labé" é uma sofisticada reflexão de Annie Finch (1956 -) sobre a tarefa da tradução de poesia baseada em sua experiência como tradutora dos poemas da renascentista Louise Labé (1526-1566) para o inglês. Sem resvalar no frio academicismo, a norteamericana Annie Finch – poeta, tradutora e professora de *Creative Writing* – dá à luz um ensaio que, partindo da discussão sobre uma empresa tradutória particular, consegue oferecer ao leitor um texto sobre a tradução de poesia em geral.

Uma das questões mais importantes do ensaio, talvez mesmo sua maior preocupação, é a polêmica sobre a (in)fidelidade do tradutor frente ao poema original. Nesse tocante, cabe chamar a atenção do leitor para o cuidado de Annie Finch com a forma original dos poemas, o que, não há dúvida, se deve à sua própria formação enquanto poeta. Como o ensaio permite compreender, a forma do poema em língua estrangeira não deve ser subjugada às formas correntes e previsíveis da língua de chegada. Por essa razão, a tradutora não adota o caminho mais fácil e palatável que seria traduzir o esquema rímico dos sonetos de Labé, escritos dentro da tradição petrarquiana (*abba abba ccd eed*, no caso do "Soneto 18", em foco no presente ensaio), em versos livres ou em sonetos ingleses, também chamados shakespearianos (*abab cdcd efef gg*).

Outro ponto de grande relevância é a apresentação da tradução como processo e não como produto acabado. A autora fornece detalhes sobre as etapas compreendidas em seu trabalho e expõe tanto os princípios que o guiaram como as incertezas que permearam seu caminho.

Portanto, o ensaio que ora apresentamos traduzido para a língua portuguesa pode ser relevante para o debate contemporâneo sobre tradução de poesia em andamento no Brasil, onde o tema desperta cada vez mais interesse de teóricos e tradutores.

Para que o leitor conheça o poema de Labé e possa acompanhar melhor as idéias apresentadas no ensaio, incluímos um anexo com o original em francês e duas traduções, a de Annie Finch para o inglês e a nossa para o português.

¹ Vitor Alevato do Amaral foi professor de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005-2006), onde atualmente trabalha como tradutor. Também é professor de Literatura, Tradução e Cultura Norte-Americana do curso de pós-graduação em Língua Inglesa da Universidade Veiga de Almeida. Contato: vitoraamaral@yahoo.com.

Louise Labé é uma poeta profunda e paradoxalmente apaixonada. Suas metáforas refinadas e franca auto-reflexão frente a sentimentos tão intrincados são, em seu contexto, tão heróicas quanto às de Emily Dickinson. Sua paixão, sua coragem, sua jocosidade e sua dor revelam conflitos não só das emoções como também do espírito. O paradoxo em sua obra está em que ela não é uma poeta metafísica ou religiosa, mas tão-somente uma poeta do amor. A voz insaciável que Labé projeta em sua poesia cresce na sua individualidade e se torna ainda mais complexa devido à ênfase em seus próprios sentimentos por outra pessoa.

Embora Labé tenha sido algumas vezes negligenciada em trabalhos canônicos sobre a poesia renascentista, ela foi reconhecida como importante escritora em sua época. Sua poesia foi bastante lida nos círculos literários da sua Lyon nativa, o que logo lhe rendeu o apelido de *La Sappho Lyonnaise*. Em 1555, Labé publicou suas criações poéticas em um livro que também trazia poemas escritos sobre ela por alguns homens contemporâneos. A coletânea foi tão bem-sucedida que ganhou duas reedições.

Por séculos depois de sua morte, Louise Labé sofreu o destino comum às poetisas do amor, de Safo a Millay; tornou-se mais famosa pelas lendas em torno da vida pessoal – o que no caso de Labé inclui o fato de ter se vestido com roupas masculinas, seu suposto caso amoroso com Henrique II e sua habilidade para duelar – do que por sua poesia. Labé inspirou romances, peças de teatro, uma ópera e poemas de Rilke e de outros poetas. Finalmente, em 1887, publicou-se uma edição definitiva de seus poemas. Mais recentemente, a crítica literária passou a ler com atenção essa poesia que o livro de Deborah Lesko Baker sobre Labé chamou de “a primeira e mais ressonante e integralmente *feminista* de toda a literatura francesa”. Labé escreveu seus vinte e quatro sonetos e três longas “elegias”, todas em dísticos rimados, logo após o ápice da influência de Petrarca na poesia amorosa do Renascimento, quando teve início a desilusão com a tradição petrarquiana da mulher idealizada e seu amante frustrado. Ela usou uma voz poética feminina tanto para testar a capacidade das tradições petrarquianas de expressar a paixão feminina quanto para criticar essas tradições. Se ela está clamando por beijos no famoso “Soneto 18”, formulando paradoxos clássicos no “Soneto 8”, lamentando a impotência masculina no “Soneto 16” ou lançando-se a um encontro com Diana numa floresta no “Soneto 19”, está na verdade atuando dentro e fora do tradicional soneto de amor petrarquiano, provocando a velha imagética e trazendo a ela novo frescor. Não importa se no papel de ninfa, mártir, filósofa, zombadora ou sedutora, ela está sempre corajosamente afirmando sua própria paixão.

O soneto petrarquiano deu a Labé material suficientemente obstinado e resistente para que pudesse exercitar sua arte e dar forma às suas emoções. Seu manuseio da tradição petrarquiana demonstra-se ainda mais incisivo por sua capacidade de manipular as formas convencionais dessa tradição. Quando comecei a traduzir os poemas completos de Labé, decidi não fazer uso do verso livre nem do soneto inglês, como tinham feito outros tradutores, mas seguir o esquema rímico petrarquiano que ela escolhera para cada um deles. Eu sentia fortemente que a luta incessante e angustiada de cada poema com o amor tinha sua própria encarnação na repetição intensa das rimas de Labé, que envolvem quatro, seis, até oito palavras rimadas em um único som. Meu uso dos esquemas rímicos originais é uma tentativa de enfatizar a emoção insistente dos poemas; fazer com que a sintaxe e as conexões lógicas entre as partes se encaixem em esquemas complexos que lembrem os do poema original; e, claro, aproximar-me ao máximo da música dos poemas de Labé.

Minha escolha por seguir as formas originais me envolveu em um debate contemporâneo, ainda em curso, sobre os lugares relativos da forma e do espírito na

tradução de poesia. Quando soube desse debate e das implicações de minha escolha, convenci-me ainda mais de que tinha tomado o caminho certo. Como leitora de traduções eu me sinto trapaceada quando o tradutor não me oferece a experiência física do movimento do poema original. Recentemente, li uma nova tradução do modernista belga Maurice Maeterlinck, cujos poemas lançam mão, entrem outras coisas, de um decadente excesso de repetições. Por exemplo, a palavra “cisne” pode aparecer oito vezes em um só poema. O tradutor, no entanto, amenizou esse efeito extravagante simplesmente ignorando a maior parte das repetições. O resultado, para os padrões de hoje, é um poema mais palatável do que o original. Mas isso serve para quê? Saber que Maeterlinck queria mesmo usar uma quantidade ignominiosa de repetições e poder me aproximar da realidade física do poema original é, para mim, mais importante e mais interessante do que fazer uma leitura palatável.

Hoje podemos zombar da satisfação dos poetas do século XVIII, como Pope e Dryden, que estavam tão convencidos da superioridade do dístico heróico (*heroic couplet*) que o utilizaram na tradução de poemas cujas formas eram totalmente diferentes. Mas as traduções contemporâneas que apresentam em versos livres todos os poemas, malgrado suas formas originais, estão caindo na mesma armadilha. Como Pope e Dryden, estamos convencidos de que nosso modelo poético dominante é o que melhor serve à representação do espírito poético de *qualquer* grande poema. Ao ignorarmos a forma original de tantos poemas, na verdade estamos impondo nosso próprio tipo de censura física aos impulsos originais dos poetas. É certo que existe espaço para todos os tipos de traduções, imitações e releituras; quanto mais, melhor. Algumas vezes um poeta faz uma tradução infiel que é melhor do que o poema original. Ainda assim, como tradutora, sinto que trabalhar com a forma original é o meio mais garantido para eu penetrar o corpo do poema.

Certa vez um entrevistador me perguntou o que eu pensava do provérbio francês que diz: “Traduções são como mulheres: se são fiéis, não são bonitas; se são bonitas, não são fiéis”. A infidelidade que eu achei necessária para que os poemas de Labé tivessem êxito em inglês não se assemelha ao adultério, mas a um leve flerte, um meneio de liberdade que percorre uma essência lindamente fiel. Gosto do desafio de dar vida à tarefa de superar obstáculos e, na maior parte do tempo, como nas traduções dos poemas de Labé, não me sinto forçada a escolher entre significado e forma.

É evidente que algum sacrifício é sempre necessário para permitir que uma tradução encontre seu próprio caminho enquanto poema. No meu caso, comecei sendo rigorosamente fiel a todas as convenções renascentistas – cada “oh”, “ah”, cada vírgula singular e cada palavra frequentemente repetida. A cada nova versão, modernizava e simplificava o texto o suficiente para que a dicção não distraísse tanto e os poemas soassem tão diretos e verdadeiros quanto eram para seus leitores originais. Na última etapa, pus de lado os textos de partida e deliberadamente tratei as traduções como originais, outorgando-me a liberdade de fugir um pouco à correspondência lexical e sintática sempre que o impulso criativo parecesse enfraquecido. Não foram necessários muitos arremates nessa etapa, mas foi uma etapa crucial.

Realmente fiz algumas mudanças que me pareceram escolhas artísticas essenciais. No “Soneto 18”, por exemplo, senti-me compelida a traduzir a palavra “*folie*” (loucura) como “*something honest*” (algo honesto). Sabia do risco de que tais mudanças acabassem indo longe demais. Em parte, foi esse medo que me fez enviar as traduções à eminente *scholar* Deborah Baker, especialista em Louise Labé, que, para minha satisfação, acabou inspirando-

se nelas para fazer uma nova tradução da prosa de Labé a ser publicada com os poemas². Na introdução, Baker discute como escolhas criativas as poucas verdadeiras liberdades que tomei. Sobre o “Soneto 18”, ela escreve: “Se ‘*folie*’ fundamentalmente representa desejos motivados pelas emoções e pelo espírito que não se conformam às regras da razão lógica e às convenções sociais, tais desejos – talvez vistos de fora como ‘loucos’ quando expressados por uma mulher do século XVI – constituem a base do que para Louise Labé significa agir de modo honesto e autêntico”. Foi animador perceber que minhas ousadias conseguiram transmitir as intenções de Labé num contexto contemporâneo. A resposta de Baker reafirmou minha crença de que o tradutor e o traduzido servem à mesma arte; que a poesia, no final, tem somente uma língua.

Minha experiência ao traduzir Labé me trouxe diversas recompensas. A mais valiosa delas foi o profundo sentido de elo poético que se criou quando abri meus ouvidos à musa de outra poeta. Se esse elo é resultado de uma projeção psicológica, de uma sensibilidade em comum ou simplesmente o resultado inevitável de meu engajamento na tradução de sua obra poética completa, jamais saberei. Mas gosto de pensar que, de algum modo misterioso, Labé teve seu papel. Em muitos momentos, tive a certeza de ter encontrado o soneto de Labé que finalmente me venceria e me forçaria a voltar à forma do soneto inglês, com menos palavras rimadas. Cada vez que isso acontecia, logo vinha uma solução que me permitia preservar o esquema rímico do original. Era como se o espírito comprometido e apaixonado de Labé, ou sua musa, me amparassem nesses momentos. E eu me peguei no hábito de murmurar, “Obrigada, Louise”, enquanto trabalhava. Obrigada, Louise, por todos aqueles momentos e, mais ainda, por sua paixão e seus poemas. 

ANEXO

Original de Louise Labé

XVIII

Baise m'encor, rebase-moi et baise:
 Donne m'en un de tes plus savoureux,
 Donne m'en un de tes plus amoureux:
 Je t'en rendrai quatre plus chauds que braise.

Las, te plains-tu? ça que ce mal j'apaise,
 En t'en donnant dix autres doucereux.
 Ainsi mêlant nos baisers tant heureux
 Jouissons-nous l'un de l'autre à notre aise.

Lors double vie à chacun en suivra.
 Chacun en soi et son ami vivra.
 Permets m'Amour penser quelque folie:

Toujours suis mal, vivant discrètement,
 Et ne me puis donner contentement,

² LABÉ, Louise. *Complete Poetry and Prose: A Bilingual Edition*. Tradução de Annie Finch (poemas) e Deborah Lesko Baker (prosa). Chicago: University of Chicago Press, 2006. [N. do T.]

Si hors de moi ne fais quelque saillie.

Tradução de Annie Finch para o inglês

Sonnet 18

Kiss me again, rekiss me, and then kiss
me again, with your richest, most succulent
kiss; then adore me with another kiss, meant
to steam out fourfold the very hottest hiss
from my love-hot coals. Do I hear you moaning? This
is my plan to soothe you: ten more kisses, sent
just for your pleasure. Then, both sweetly bent
on love, we'll enter joy through doubleness,
and we'll each have two loving lives to tend:
one in our single self, one in our friend.
I'll tell you something honest now, my Love:
It's very bad for me to live apart.
There's no way I can have a happy heart
without some place outside myself to move.

Tradução para o português

Soneto 18

Rebeija-me e me beija novamente.
Dá-me um daqueles teus mais saborosos,
Dá-me um daqueles teus mais amorosos,
Que quatro vezes te darei mais quente.

Reclamas? De teu mal já estou ciente;
P'ra curar-te: dez beijos deleitosos.
Unindo nossos beijos tão ditosos
Gozemos um com o outro livremente.

E vida dupla cada um terá:
Em si em seu amigo viverá.
Permita-me pensar esta loucura:

Eu vivo mal vivendo tão distante;
Não terei alegria um só instante
Se hei de viver em mim nesta clausura.

Artigo recebido em: 04/06/09

Artigo aprovado em: 03/09/09

Referência eletrônica: FINCH, Annie. "Paixão em tradução: Louise Labé". tradução de Vitor Alevato do Amaral, *Revista Criação & Crítica (online)*, n. 3, p.82-86, 2009.